

# CHICO BUARQUE



# O IRMÃO ALEMÃO

**1**

Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro. Desta vez eu vinha lendo O Ramo de Ouro, numa edição inglesa de 1922, e ao virar a página 35 dei com uma carta endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Südamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin. Dentro do envelope, um bilhete batido à máquina em papel almaço amarelado e puído:

*Berlin, den 21. Dezember 1931*

*Lieber Sergio*

*Durch Dein Schweigen errate ich.....*

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

*Freundlich,*

*Anne*

Escrito em alemão, cheio de maiúsculas, dele só posso entender o cabeçalho e a assinatura Anne com caligrafia inclinada para a direita. Sei que meu pai ainda solteiro morou em Berlim entre 1929 e 1930, e não custa imaginar um caso dele com alguma Fräulein por lá. Na verdade, acho que já ouvi falar de algo mais sério, acho até que há tempos ouvi em casa mencionarem um filho seu na Alemanha. Não foi discussão de pai e mãe, que uma criança não esquece, foi como um sussurro atrás da parede, uma rápida troca de palavras que eu mal poderia ter escutado, ou posso ter escutado mal. E esqueci, como hei de esquecer esta carta dentro do livro, que preciso guardar na fileira do fundo da estante dupla do corredor. Preciso guardá-lo exatamente em seu lugar, pois se meu pai não admite que eu mexa nos seus livros, que dirá neste. Mas ao pé da estante vejo a minha mãe de cócoras, buscando algum título a mando do meu pai. Não há de demorar, pois é ela mesma quem organiza a biblioteca conforme um sistema indecifrável, sabedora de que se ela morrer ele estará perdido. E nem bem ela entra no escritório com seus passinhos ligeiros, carregando quatro volumes grossos aparados no queixo, me apresso a guardar o meu. Sei

que ele estava naquela prateleira acima da linha dos meus olhos, atrás dos poetas portugueses, um palmo à direita da Comédia Humana, porém não será assim tão fácil reencontrar sua vaga. A esta altura os livros já se acomodaram no fundo da estante, já se empurraram uns contra os outros, parece que engordam quando confinados. Na ponta dos pés desloco um Bocage da fileira da frente, depois tateio as lombadas dos dois ingleses que ladeavam o meu. Há algo de erótico em separar dois livros apertados, com o anular e o indicador, para forçar a entrada de O Ramo de Ouro na fresta que lhe cabe.

Quando chego à casa do Thelonious ele já me espera no portão com uma lanterna e um arame de ponta retorcida. Vagamos pelas ruas arborizadas do bairro, até que ao cair da tarde topamos com um Skoda estacionado bem a jeito, numa esquina em declive sem muita iluminação. Colo as palmas das mãos feito um par de ventosas na janela, faço pressão para baixo e o vidro cede uns dez centímetros. O suficiente para o Thelonious enfiar o arame ali dentro, enganchar e puxar o pino da porta, no que ele é craque. Peço para tomar o volante, destravo o freio de mão, deixo o Skoda rolar a ladeira e antes mesmo que eu encoste no meio-fio, o Thelonious já está quase deitado aos meus pés com a lanterna acesa entre os dentes e a cabeça metida atrás do painel. Remove umas peças que não vejo direito, junta uns fios, e depois de uns estalos e umas faíscas o motor pega. Arranco, engato a segunda, estico a marcha, faço uma curva fechada, costeio o cemitério cantando pneus, e na descida para o centro o Thelonious elogia minhas manobras com um grunhido e um sinal de polegar, mais ocupado em fuçar o porta-luvas com a lanterna abocanhada. Penso que entrar num carro desconhecido, cheirar seu ambiente, pegar pouco a pouco as suas manhas, ajeitar a bunda no assento, alisar o volante, experimentar o jogo da direção, fora isso tudo a melhor parte é mexer no porta-luvas, encontrar entre outras coisas um documento com o nome, a data de nascimento e a foto do proprietário, ou da proprietária. Prefiro que seja homem, me dá mais prazer usar o carro

de outro homem, gosto de fitar aquela cara lesada que em geral eles têm no documento. E pagaria para ver a cara deles no instante em que dão por falta do carro, suas caretas ao examinar caretas de ladrões no fichário da polícia. Já de mulher tenho um pouco de dó, talvez porque as imagine a zanzar pela cidade sem saber onde deixaram o carro, como doidas atrás de um filho que dorme na rua. E na rua Aurora o Thelonious me faz parar ao lado de duas putas velhas, pergunta se elas não querem entrar sem compromisso, só para andar de carro. Desiste das quengas, salta do carro, me faz mudar de banco e assume o comando. Ziguezagueia por umas ruas de paralelepípedo a fim de despistar uma radiopatrulha que ele garante ter visto no nosso encalço. Já numa avenida da Zona Leste que não conheço, me ensina a atentar no motor do carro, perceber o torque, captar aquele lapso em que é possível trocar a marcha sem necessidade de pisar na embreagem. É uma questão de tempo e contratempo, diz, é que nem jazz. Ensaia essa mudança algumas vezes, mas o que ouço quase sempre é um guincho irritado de metais se friccionando. Atravessamos uma linha de trem, e depois de um solavanco o Thelonious descobre que o carro ficou engatado para sempre na terceira. Segue a furar sinais, a ultrapassar os trouxas, procura manter a velocidade até ser obrigado a breicar atrás de um bonde, com o que o motor engasga e morre. Ali mesmo sobre os trilhos abandonamos o Skoda, o que para Thelonious não faz diferença, o tanque já estava mesmo na reserva. Não temos dinheiro para a condução e levamos umas boas horas na volta a pé, porque no caminho não havia nem um carro decente dando sopa. Cruzamos bairros sombrios com fábricas, galpões, cortiços, oficinas e casas de comércio fechadas. Percorremos ruas tortas que dão num viaduto que desemboca no centro com suas ruas vazias, os arranha-céus às escuras. Depois chegamos a um bairro nobre, de famílias tradicionais, com carros ingleses na garagem das casas que sempre me pareceram grandes demais para seus terrenos. E que por dentro devem parecer ainda maiores que por fora. E que por terem

fachadas tão austeras, devem ser mais vistosas pelo avesso, mais vibrantes no avesso onde as pessoas moram. Entrar pela janela de uma casa dessas deve ser como meu pai abrir pela primeira vez um livro antigo.

Passa da meia-noite quando o Thelonious e eu nos separamos na esquina entre as nossas casas, e da rua vejo a luz do escritório do meu pai. Subo a escada com os sapatos na mão para não ter de dar explicações à minha mãe, ou não despertá-la se estiver dormindo. No corredor espio a estante com o rabo do olho e a caminho do quarto passo pela porta sempre aberta do escritório fumacento, onde julgo ver meu irmão e meu pai sentados lado a lado. Vou para a cama com a roupa do corpo, depois me dou conta de que não apaguei a luz. Mas acho que não precisa, posso cobrir a cara com a manta, e debaixo dela não está quente nem frio. Está bom para ficar pensando na minha amizade com o Thelonious, o que me leva a pensar no meu pai com meu irmão, que entra à vontade no escritório mas só lê gibi, o que me leva a pensar em algum dia revelar a meu pai que, bem ou mal, li em francês o Guerra e Paz até a metade, e agora com a ajuda do dicionário inglês penava para compreender O Ramo de Ouro até achar o bilhete alemão, bilhete que aliás me leva a lembrar que o Thelonious, no tempo em que ainda se chamava Montgomery, andou por aí com outro amigo, um suíço, ou austríaco, um que os pais mandaram para o colégio interno, e de repente sem mais nem menos estou num Oldsmobile com o Thelonious, que me conduz a um internato chamado Instituto Benjamenta, onde o austríaco, ou suíço, um ruivo de cara vermelha e inchada de tanta espinha, esse tedesco lê a carta e dá risadas malignas com a monstruosa boca, com espinhas que lhe invadem os lábios, com espinhas até na língua e nas gengivas, e é realmente um rapaz solícito e de grande delicadeza, que me traduz a carta de Anne bem devagar, me explicando o significado de cada palavra, sua origem, sua etimologia, com uma voz tão suave que nada escuto, o que me leva a cair no sono.

**2**



Não sei que casa era aquela, se algum hospital, só me lembro de um vazio incompreensível. E me vejo, ainda mal me equilibrando em pé, paralisado no centro de uma sala de paredes brancas. Eu nunca tinha visto coisa parecida, e soltei um grito ao ver minha mãe se aproximar da parede, achei que ela ia cair num outro vazio ainda mais vazio. Depois não vi mais nada, afundei a cara no seu colo assim que ela me levantou e só voltei a abrir os olhos em casa. Até então, para mim, paredes eram feitas de livros, sem o seu suporte desabariam casas como a minha, que até no banheiro e na cozinha tinha estantes do teto ao chão. E era nos livros que eu me escorava, desde muito pequeno, nos momentos de perigo real ou imaginário, como ainda hoje nas alturas grudo as costas na parede ao sentir vertigem. E quando não havia ninguém por perto, eu passava horas a andar de lado rente às estantes, sentia certo prazer em roçar a espinha de livro em livro. Também gostava de esfregar as bochechas nas lombadas de couro de uma coleção que, mais tarde, quando já me batiam no peito, identifiquei como os Sermões do Padre Antônio Vieira. E, numa prateleira acima dos Sermões, li aos quatro anos de idade minha primeira palavra: GOGOL. Até os nove, dez, onze anos, até o nível da quarta ou quinta prateleira, durante toda a minha infância mantive essa ligação sensual com os livros. Mesmo dos livros escolares eu tinha ciúme, era uma lástima que me chegassem engordurados e rabiscados pelo meu irmão. Eu voltava do

colégio direto para casa com meus manuais e compêndios, só parando esporadicamente para visitar o Capitão Marvel, que além de vizinho era meu melhor amigo. Eu não estranhava tanto a sua casa, cujas paredes eram cobertas de quadros, e que tinha uma varanda onde a gente jogava gol a gol. Mas chegava uma hora em que eu ficava impaciente para rever a minha biblioteca, até nas baratas pensava com nostalgia. Elas surgiam de trás dos livros, percorriam as lombadas de um lado ao outro das prateleiras, e vai saber se não sentiam na barriga aquele meu prazer na espinha. Eu me admirava de ver as maiores baratas, cascudas, envernizadas, que num átimo se introduziam entre dois livros onde não havia vão, nem uma unha caberia. Quando conseguia capturar uma delas pela antena, ia mostrá-la à minha mãe, que só me recomendava que não pusesse o bicho na boca. Mamãe também estava familiarizada com as baratas, quando casou sabia bem o que a esperava. Não fosse uma mulher valente, teria dado meia-volta ao entrar pela primeira vez na casa do meu pai. Calculo que então, aos trinta e tantos anos, meu pai já tivesse quase a metade dos livros que juntou na vida. E, antes da minha mãe, imagino que essa livralhada, além de empilhada no escritório, atulhasse os dois quartos vagos dos futuros filhos, em forma de escombros de pirâmides astecas. Mamãe tratou logo de erguer estantes pelas paredes do sobrado, e ao engravidar decorou o quarto do bebê com livros de linguística e arqueologia, além da mapoteca, dos espanhóis e dos chineses. Para o meu quarto, dois anos mais tarde, reservou os escandinavos, a Bíblia, a Torá, o Corão e metros e metros de dicionários e enciclopédias. Depois de grande, ainda assisti ao advento de outras três estantes duplas para livros avulsos, ou inclassificáveis, que mamãe fez instalar nas paredes da garagem, pois nunca tivemos carro, nunca tivemos luxo. Mamãe cuidava do serviço doméstico, e eram livros o luxo que meu pai se dava. Só em livros raros gastou metade da herança, ao vender a tipografia que meu avô Arnau de Hollander possuía no Rio de Janeiro. O suprassumo da biblioteca eram onze volumes hospedados num nicho da sala de visitas, como que um altar

cavado no centro da estante com espessas molduras de jacarandá que os segregavam dos livros por assim dizer plebeus. Essas raridades já foram doze, mas uma primeira edição de Hans Staden do século XVI fez o favor de inutilizar. Foi num dia em que meu irmão me disse que, quando nasci, meu pai me tomou por um mongoloide. Eu nem sabia o que era mongoloide, foi a gargalhada do meu irmão que me acertou. Arrastei uma cadeira, alcancei o nicho e catei o livro que me pareceu mais sagrado, por causa das letras de ouro na capa dura. Espicacei página por página, depois ainda mijei em cima. A capa não consegui rasgar, e já tocava fogo nela quando mamãe chegou e me deu um tapa na cara que nem doeu. Mas quando meu pai desceu as escadas com o chinelo na mão, me caguei todo e mijei o que não tinha para mijar.

Calma, Ciccio, disse minha mãe, quando já crescido lhe perguntei por que meu pai não escrevia um livro, uma vez que gostava tanto deles. Ele vai escrever o melhor libro del mondo, disse arregalando os olhos, ma prima tem que ler todos os outros. A biblioteca do meu pai contava então uns quinze mil livros. No fim superou os vinte mil, era a maior biblioteca particular de São Paulo, depois da de um bibliófilo rival que, dizia meu pai, não havia lido nem um terço do seu depósito. Calculando que ele tenha acumulado livros a partir dos dezoito anos, posso tirar que meu pai não leu menos que um por dia. Isso sem contar os jornais, as revistas e a farta correspondência habitual, com os últimos lançamentos que por cortesia as editoras lhe enviavam. A grande maioria destes ele descartava já ao olhar a capa, ou após uma rápida folheada. Livros que jogava no chão e mamãe recolhia de manhã para juntar no caixote de doações à igreja. E quando porventura ele se interessava por alguma novidade, sempre encontrava algum pormenor que o remetia a antigas leituras. Então chamava com seu vozeirão: Assunta! Assunta!, e lá ia minha mãe atrás de um Homero, um Virgílio, um Dante, que lhe trazia correndo antes que ele perdesse a pista. E a novidade ficava de lado, enquanto ele não relesse o livro antigo de cabo a rabo. Por isso não estranha que tantas vezes meu pai deixasse

cair no peito um livro aberto e adormecesse com um cigarro entre os dedos ali mesmo na espreguiçadeira, onde sonharia com papiros, com os manuscritos iluminados, com a Biblioteca de Alexandria, para acordar angustiado com a quantidade de livros que jamais leria porque queimados, ou extraviados, ou escritos em línguas fora do seu alcance. Era tanta leitura para pôr em dia, que me parecia improvável ele vir a escrever o melhor libro del mondo. Por via das dúvidas, quando ao sair do quarto eu ouvia o toque-toque da máquina de escrever, tirava os sapatos e prendia a respiração para passar ao largo do seu escritório. E me encolhia todo se por azar naquele instante ele arrancasse num ímpeto o papel do rolo, achava que em parte era de mim a raiva com que ele esmagava, embolava a folha e a arremessava longe. Outras vezes a máquina cessava para meu pai pedir socorro: Assunta! Assunta!, era alguma citação que ele precisava transcrever urgentemente de um determinado livro. Com isso levava meses para redigir, rever, rasurar, arremessar bolotas, recomeçar, corrigir, passar a limpo e certamente contrafeito entregar para publicação o que seriam rascunhos do esqueleto do grande livro da sua vida. Eram artigos sobre estética, literatura, filosofia, história da civilização, que ocupariam uma coluna ou um rodapé de jornal. Quando papai morreu, apareceu um editor disposto a publicar uma coletânea dos artigos assinados por ele ao longo da vida. Fui contra, cheguei a mostrar à minha mãe a profusão de correções e emendas ilegíveis que meu pai sobrepusera ao texto ou anotara à margem dos próprios artigos, recortados dos jornais. Mas mamãe estava convencida de que o livro seria aclamado no meio acadêmico, quiçá editado até na Alemanha, graças aos escritos de juventude concebidos naquele país. E ainda insinuou que desde a infância eu procurava sabotar meu pai, haja vista aquele ensaio que por minha culpa desfalaria suas obras completas. Meia verdade, porque era ao meu irmão que de tempos em tempos meu pai confiava um envelope a ser entregue na redação de A Gazeta, do outro lado da cidade. Para isso, além do dinheiro do bonde, ele o remunerava com uma quantia suficiente para

uma semana de milk-shakes. Mas volta e meia meu irmão me repassava o dinheiro do bonde e o envelope, que eu levava a pé à redação. Não me movia o dinheiro poupado, que mal pagava duas mariolas, eu ficava era todo prosa com tamanha responsabilidade. Ainda ganhei a simpatia dos funcionários do jornal, e não me importava de passar por um suado estafeta do meu pai, em cujas mãos despejavam mais umas moedas. Mas certa vez, a caminho da redação, parei para jogar um futebol de rua, era comum naquele tempo. Carros circulavam só de quando em quando, e ao avistá-los ao longe os meninos gritavam: olha a morte! Logo recolhíamos as lancheiras, as pastas, os agasalhos que representavam as balizas e aguardávamos na calçada a passagem do carro para recomençar a partida. Mas nesse dia não foi o trânsito, foi uma chuva súbita que nos obrigou a apanhar depressa nossas coisas e buscar abrigo sob a marquise de um empório. Chegou a cair granizo, que catávamos do chão, chupávamos, atirávamos uns nos outros, uma festa. Mas de repente calhou de eu me lembrar do envelope do meu pai, que eu deixara debaixo de um pulôver e agora estava ali no meio do aguaceiro. Corri para salvá-lo e por pouco não fui atropelado, pois naquele segundo passou um Chevrolet que agarrou o envelope com o pneu e só o soltou duas quadras adiante. Fui colher seus restos, e não havia remédio, o artigo do meu pai era uma estranha massa cinzenta, uma maçaroca de papel molhado. Mortificado, perdi a vontade de voltar para casa. Assobieei no portão do Bill Haley, que desceu para me receber na varanda com um maço de cigarros mentolados da mãe. E fez questão de me mostrar pela primeira vez sua coleção de emblemas que arrancava do capô dos carros, inclusive uma estrela da Mercedes-Benz e o jaguar de um Jaguar. Fazia frio na varanda, eu estava com a roupa ensopada, e esperei que ele me convidasse para tomar um café com leite ou coisa assim. Eu seria capaz de passar a noite naquela casa cheia de quadros, mas ele não gostava muito que eu entrasse. Acho que tinha vergonha da mãe, uma pintora desquitada com fama de maluca. Cantava árias noite adentro em alto e bom som, e diziam os vizinhos que pintava nua.

**3**

O Thelonious buzina lá embaixo no início da noite a bordo de um Karmann-Ghia tinindo de novo, impecável, a não ser por um rombo no vidro da janela direita. Sou obrigado a sentar meio de banda, porque no banco do carona há uma constelação de cacos, além de um paralelepípedo que depositou no chão do carro. Estamos atrasados para o encontro com Udo, um amigo seu de férias na cidade depois de seis meses trancafiado num colégio diocesano do interior. O Thelonious já tinha me falado desse alemão, o tal que os pais pegaram fumando maconha, e que para ser exato é natural de um país chamado Liechtenstein. Ele nos espera num restaurante perto do centro, e o Thelonious opta por deixar o carro numa rua tranquila ali nas redondezas. Estaciona bem no meio da rua, que é uma ladeira um tanto abrupta, e dá a contagem: one ... two ... one, two, three, four... Pulamos do carro ao mesmo tempo e ele pergunta: direita ou esquerda? Aposto na esquerda e me dou mal, porque é para a direita que o Karmann-Ghia vai guinando, vai embalando, vai ganhando velocidade e vai feito um bólido afundar o porta-malas de um táxi parado no ponto. E logo na avenida paralela está o Zillertal, uma grande cervejaria com um palco no fundo onde se apresentam músicos e dançarinas, elas de saias rodadas e eles de calças curtas com suspensórios. O Udo ocupa uma mesa perto da porta e se levanta com um canecão de chope para nos receber. Abraça o Thelonious

entornando espuma, me estende a mão esquerda e diz que entramos na hora certa, precisamente quando a orquestra ataca a Liechtensteiner Polka. É um rapaz de uns dezessete anos como nós, mas bem mais alto, bonito mesmo, muito loiro, que fala puxando de leve os erres e no fim de cada frase sopra para cima os cabelos que lhe caem na testa. Mas, apenas nos sentamos, sinto que estou sobrando na mesa. Fiquei ao lado do Udo, que só se dirige ao Thelonious à sua frente, contando umas peripécias do internato que não me dizem nada. É lógico que bastaria ao Thelonious se chegar meio metro à direita para formarmos um triângulo mais imparcial, equilátero. Mas o Thelonious, não sei por que o Thelonious me arrancou de casa. Fica ali quietinho, faz que sim com a cabeça enquanto o outro fala, ri cada vez que o outro dá uma pausa para soprar a franja. Logo o Thelonious, que sempre foi um cara contido, hoje está com o riso frouxo, acha graça de qualquer besteira que o Udo lhe diga: na falta de mulher, fazer o quê, comia o padre. Diante de uma cadeira vazia, só me resta bater os pés no compasso da orquestra e observar as pessoas, muita gente de cabelos claros, faces rosadas, boa parcela certamente de origem alemã. Com isso me vem à mente a carta que encontrei por acaso outro dia, e sem querer pego a fantasiar o romance secreto do meu pai em Berlim, já brinco de procurar um irmão alemão no salão. Será um homem de seus trinta anos, provavelmente de óculos, loiro, queixo proeminente, rosto muito comprido, cocuruto alto. Por enquanto o único a preencher parte desses requisitos é o trombonista da orquestra, um branquelo ruivo e bochechudo como seria meu pai antes de envelhecer. Mas com exceção do maestro, um moreno de pernas peludas, meio grotesco em suas calças curtas, os artistas em cena devem ser filhos de imigrantes, quem sabe netos de pomeranos do Espírito Santo, e não acredito que meu irmão tenha virado músico de orquestra típica no Brasil. De qualquer maneira me parece natural que a certa altura da vida ele se mostrasse inquieto, indagasse da mãe a procedência do seu nome, invocasse o direito de conhecer a



identidade do pai. E reunindo algumas economias, mesmo sem a bênção dela aportaria cedo ou tarde no Rio de Janeiro com o endereço da casa paterna no Jardim Botânico. Facilmente averiguaria que Sergio de Hollander, mal refeito das perdas consecutivas de Arnau de Hollander e Clementina Moreira de Hollander, fora contratado como supervisor geral do Cambesp, Conselho Administrativo de Museus e Bibliotecas do Estado de São Paulo. Na lista telefônica da capital paulista constava um Hollander Sergio de, mas antes de discar 518776 ele relutaria bastante, pois o diálogo se anunciava duro. O telefone de casa tocaria enfim, e daquela língua estranha mamãe só poderia entender o nome repetido do outro lado da linha: Sergio de Hollander! Sergio de Hollander! Passaria o aparelho ao meu pai, que num primeiro momento perderia a voz, depois embatucaria no idioma enferujado, depois ficaria com os olhos úmidos, e nesse meio-tempo mamãe já teria compreendido tudo e choraria também. E na certa se ofereceria para preparar uma lasanha em casa, onde o enteado seria acolhido como um filho, se fosse o caso o hospedaria por uns tempos no quarto de um dos meios-irmãos. Pelo bem do jovem, mamãe seria mesmo capaz de mandar vir de Berlim a própria Anne, que talvez passasse necessidades num país ainda afetado pela guerra. E moraríamos todos respeitosamente sob o mesmo teto, mas um intervalo no espetáculo e os aplausos do público interrompem o fluxo do meu pensamento. Vejo que o Thelonious e o Udo foram servidos de salsichão com salada de batatas, e eu nem de talheres disponho. Mas pelo menos o garçom não para de me renovar as canecas de chope e encher meu cálice de steinhäger, com que brindo a meu pai, a Anne, ao meu irmão de sangue, aos cabarés de Berlim. Já o Udo continua a entreter o Thelonious com suas graças: usou saia, tem cu, é tudo igual. O Thelonious se esbalda, dá tapas na mesa, gargalha para o alto com a boca cheia de comida, e sinto vergonha por uma senhora logo adiante, que esbugalha os olhos azuis na minha direção, achando sem dúvida que o cafajeste sou eu. Acompanhada de um senhor calvo, com quem

forma um casal bem-posto, deve ter sido uma bela mulher na juventude, o que me leva de volta à namorada berlinense do meu pai. Desta vez me parece claro que, depois de lhe enviar cartas e cartas, na ilusão de que ele regressaria à Europa, ou que no mínimo a abrigasse no Brasil com a criança, ela se sentiria enjeitada. E ao se inteirar de que Sergio casou com outra, ainda por cima italiana, o apagaria definitivamente da sua vida, rasgaria retratos e bilhetes e em hipótese alguma revelaria o nome dele ao filho. Mas é possível que, com um sentimento emaranhado entre orgulho e desgosto, ela visse o menino se criar numa espontânea paixão pelos livros. Ele passaria os dias na Biblioteca Nacional, ignorando que em seus corredores imitava as passadas largas do pai. Manusearia com avidez as mesmas páginas de poesia e prosa que o pai nunca se cansou de manusear. E ao passar para a literatura contemporânea, quero supor que o rapaz, sem motivo perceptível, sentisse certo mal-estar naquele recinto. Não estava seguro de suas escolhas literárias, largava livros sem saber por que e, coincidência ou não, só então começou a perturbá-lo real e profundamente a ausência do pai. Por mais que insistisse nas leituras, sentia a falta do pai no existencialismo, nos novos romances, na poesia niilista, buscava em vão seus rastros nos livros da história mais recente. Só em sonhos via o pai, antes da guerra, um homem sem rosto com os cabelos em chamas dentro da fogueira de livros da Staatsbibliothek. Noutro sonho via o mesmo homem distraído no último andar da biblioteca, a ler sem olhos o Fausto enquanto o telhado se esboroava sobre a sua cabeça no bombardeio final. Mas nunca conseguia figurar seu pai de uniforme militar, marchando na neve, empunhando um fuzil, como tampouco via motivo para a mãe se envergonhar de um marido morto no campo de batalha. Então trocou a biblioteca pela sinagoga, enfiou na cabeça que tinha sangue judeu. Revirou todos os arquivos do seu país dividido, foi de trem a Varsóvia, a Budapeste, a Praga, voltou para casa com sabe D-us quantas cópias de fichas, milhares de nomes e até mesmo fotos borradas

de vítimas do Holocausto: é este?, é este?, é este? A tal ponto que Anne se viu compelida a lhe garantir: teu pai embarcou são e salvo em 1930 rumo à sua Súdamerika natal. Então meu irmão cruzou a cidade às pressas dias antes que erguessem o muro e, graças a uma bolsa de estudos do Instituto Goethe, voou para Buenos Aires, Montevidéu, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, e pode estar neste momento sentado no Zillertal, à cata de um pai brasileiro que vez por outra mate as saudades da amada tomando cerveja num restaurante alemão. Ou senão, resignado por fim ao fiasco de suas investigações, meu irmão pode estar colhendo aqui e ali matéria para um romance autobiográfico onde inventará um pai brasileiro, não muito distante da imagem que faz de seu pai incógnito. O pai ficcional será um homem de seus sessenta anos, provavelmente míope, com os cabelos escuros encanecidos, crespos como é comum entre os brasileiros, porém cabeçudo e bochechudo igual a ele. Quem sabe até um mulato, como aquele regente de pernas peludas, com sua queixada arrogante e as bochechas que com a idade caíram, exaustas de anos e anos a soprar trombone, o instrumento herdado pelo filho albino, que apesar de cuspir mais do que toca é a estrela da sua orquestra. Perdido nessas conjecturas, sou surpreendido pelo Udo, de cuja fisionomia já me havia esquecido. Depois de não sei quantos chopos e uma garrafa inteira de steinhäger, ele se digna a me dirigir o verbo: e você, não vai falar nada? Na falta de outro assunto e no embalo dos meus pensamentos, me pego a dizer que tenho um irmão alemão, isso mesmo, um irmão alemão. O Udo não acredita: é piada? Agora só me resta avançar: meu irmão alemão pertenceu à Juventude Hitlerista, foi preso no fim da guerra aos quinze ou dezesseis anos. E tem mais, guardo até hoje as cartas da mãe e uma foto dele fazendo a saudação nazista, com suástica na braçadeira e tudo. Não sei de onde foi que saquei isso, devo ter misturado vários livros de época que andava lendo. Mas a esta altura o Udo já se mostra interessado, quer saber por onde anda meu irmão. Na Alemanha Oriental, digo, a mãe dele é da Stasi, a polícia secreta.

Com inveja da nossa intimidade, o Thelonious meneia a cabeça: é mentira dele, tem irmão alemão porra nenhuma. Não sei o que deu no Thelonious, que desde criança foi meu melhor amigo e hoje é um estranho que só me olha em diagonal. Cai um silêncio infame sobre a mesa, até que o Udo se levanta de um salto, acho que numa urgência urinária. Ato contínuo quem se levanta é o Thelonious, e só faltava essa, ele fazer companhia ao amigo loiro no mictório. Passa um tempo, bатуco na mesa, experimento soprar para o alto os meus cabelos, que são duros e não se mexem. Só então compreendo que nenhum dos dois foi ao banheiro, ali à direita é a saída do Zillertal. O restaurante vai se esvaziando e o garçom ronda a minha mesa, vem me perguntar se desejo a conta. Após consulta ao menu, solicito uma travessa de eisbein com sauerkraut, outro chope duplo e mais uma garrafa de steinhäger. Nem bem ele vira as costas, caio fora eu também pela direita, passo por um porteiro paramentado e desato a correr. Na carreira atravesso a avenida e só vou respirar numa paralela, que por sinal é a rua onde deixamos nosso Karmann-Ghia, que está sendo rebocado pela traseira com a frente toda esculachada. Tomo um táxi no ponto, e o chofer é um japonês que guia feito um desatinado, pega várias contramãos até o centro, dispara até a Consolação, sobe rasante ao cemitério com a buzina solta, e na esquina da avenida Paulista lhe peço que espere um minuto, para eu comprar cigarros no Riviera. Não sei como ainda não descobriram que esse bar tem uma saída pelos fundos, que dá num prédio sobre pilotis onde há uma boate chamada Sans Souci. Sempre pensei em conhecer a Sans Souci por dentro, tomar uns martínis, ouvir jazz, mas o leão de chácara exige meus documentos. Dali para casa a caminhada é curta e vou assobiando a Liechtensteiner Polka, porque música chata custa a sair da cabeça.

Já não há a luz do meu pai quando me aproximo de casa. O que vejo são dois espectros colados no muro, o Thelonious e o Udo que agora se deslocam para o portão e me barram a passagem. A gente

quer ver as cartas, diz o Udo. Que cartas? As cartas da Alemanha. Vou abrir caminho no meio dos dois, que já estão mesmo caindo pelas tabelas, mas o Udo me imobiliza com uma chave de braço: não vai mostrar as cartas? E o Thelonious: eu disse que era cascata, irmão alemão é o caralho. Ainda tento me esquivar: as cartas são muito pessoais. Chego a ver um soco-ínglês na mão direita do Udo, mas é um chaveiro prateado que ele tem entre os dedos: eu apostei em você, seu bicha, e não estou nada a fim de perder cem mangos. Sinto a ferocidade das palavras pelo seu bafo de steinhäger com batatas. E peço silêncio ao entrarmos em casa, porque meu pai é dado a insônias, mas aí mesmo é que o Udo sai chutando cadeiras com seus coturnos e o Thelonious vai atrás imitando seus risos forçados. Em seguida sou eu quem provoca um baque no corredor, ao derrubar quatro Camões da prateleira alta. Meus dedos creem tocar a lombada de O Ramo de Ouro, mas não consigo puxá-lo de onde está, parece chumbado na parede. Quando enfim ele vem, vem acompanhado de dois antropólogos britânicos. Agito o livro, cai um pouco de cinza, penso que a carta já não está ali dentro, ou nunca esteve, terá sido uma alucinação, mas ei-la aqui achatadinha entre as páginas 36 e 37. Abro o envelope e passo o bilhete às mãos do Udo, depois de me fechar no quarto com eles dois. O Udo balança o corpo feito um João-bobo, fecha o olho esquerdo, o direito, arregala ambos, parece não compreender bem o que lê, como eu suspeitava nem deve mais saber alemão. Olha a carta, olha para mim, olha a carta, me olha de um modo meio agressivo, e já agora acho que fui eu quem andou blefando sem querer. Entendo que a tal da Anne pode ser qualquer alemã vagamente conhecida do meu pai, uma bibliotecária, uma vizinha falastrona, pode ser por exemplo a senhoria dele em Berlim, cobrando os aluguéis atrasados. O Udo cai sentado na beira da minha cama, torna a ler o bilhete e então dá umas risadinhas. Pede papel e lápis, e lamenta apenas a falta de um dicionário alemão para tirar umas dúvidas. Mas não seja por isso, tenho ali mesmo na

estante do quarto o dicionário Duden em doze tomos. E no fim das contas, se considerarmos seu estado etílico e suas limitações intelectuais, o Udo realiza uma tradução notável:

Berlim, 21 de dezembro de 1931

Querido Sergio

*Pelo teu Silêncio adivinho que estás como sempre nos teus Livros naufragado (imerso?). Desolada por roubar da tua Leitura meio Minuto, venho te informar que nosso Filho Sergio um Ano de Idade repleto de Saúde hoje completa. Uma Fotografia prometo enviar-te na Oportunidade primeira, e certo estou de que no Mangokopf (cabeça de manga?) do Menino hás de te reconhecer.*

*Se tu não te importares, ao Tema de minha última Carta sem Resposta até hoje volto. Desde aquela Data o sr. Heinz Borgart, o Pianista a quem então me referi, tem demonstrado algo mais que Amizade em relação a Mim. Por Ti até hoje esperei, mas Tu sabes que proporcionar a meu Filho um verdadeiro Lar sempre almejei. Destarte, caso não obtenha Resposta tua dentro de um razoável Prazo, penso que livre estarei para considerar a Hipótese de me ligar a Heinz, que ademais poderia eventualmente seu Nome de Família dar ao Menino, que, caso tu tenhas esquecido, traz no Registro civil somente o Nome da Mãe — Anne Ernst, nunca é demais lembrar.*

*Amigavelmente,*

*Anne*

# O irmão alemão

Aos 22 anos, Chico Buarque descobriu que tinha um irmão alemão. Sergio Buarque de Holanda, reputado historiador e crítico literário, pai de Chico, vivera na Alemanha entre 1929 e 1930, enquanto correspondente de um jornal. A efervescente Berlim dos anos 30 serviu de cenário a um romance com uma mulher alemã, de quem teve um filho que nunca chegou a conhecer. Chamava-se Sergio Ernst.

Quase cinco décadas depois da descoberta, Chico Buarque decidiu fazer da existência desse irmão — e do silêncio em torno dele — a matéria de um romance. Mas antes precisava de saber exactamente o que lhe acontecera.

Magistralmente conduzida por um narrador obsessivo, delirante, megalómano e profundamente solitário sem o querer ser, a narrativa enreda o leitor numa trama em que realidade e devaneio se confundem permanentemente. A páginas tantas, a busca de narrador e autor passa a pertencer igualmente ao leitor, também ele desesperadamente procurando esse irmão desconhecido.



«Estou convicto de que em sua noite insone, enquanto meu pai cantava um acalanto aos brados, mamãe juntou as pistas que tenho largado aqui e ali do meu interesse obstinado pela história de Sergio Ernst. E por mais que o tema lhe seja incômodo, na sua cabeça é esse o único caminho possível de me aproximar do meu pai. Para ela, a ouvir meus desastrados palpites literários, papai há de sempre preferir que meu irmão o distraia com as historietas da Luluzinha ou as últimas notícias da Brigitte Bardot. Em contrapartida, poderei ganhar sua atenção, seu crédito, seu mais íntimo reconhecimento, caso tenha êxito no rastreio de um menino de identidade incerta, porventura sobrevivente aos anos de terror, numa cidade bombardeada e partida ao meio. Pois ainda que meu pai aprenda todas as línguas e devore todas as bibliotecas do mundo, talvez seja incapaz de concluir a grande obra da sua vida enquanto não suprir essa pequena ignorância dentro dele.»



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)  
i [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897844409



9 789897 844409 >